

Tribalismos digitais afrocentrados: *Streamings*, documentários e protagonismos de bichas pretas

Diego Cotta¹

Resumo: Este artigo busca explicitar a ambiência midiática como possível espaço de cura para bichas pretas, que criam repertórios e produzem sentidos outros sobre si. Visa debater o cotidiano midiaticizado de gays negros como disputa de protagonismo e mitigação de um imaginário racista e homofóbico. Ensaístico, o trabalho reflete sobre três documentários biográficos (“Além de Preto, Viado”, “Afronte” e “Bicha Preta”), disponíveis em *streamings*. A hipótese é de que tais narrativas e imagens corporificam modos de operações de resistência; levantes digitais, que se valem da célere difusão midiática para afetar corações e mentes e fissurar regimes de visibilidade excludentes.

Palavras-chave: Mídia; Racismo; Homofobia; Cotidiano; Documentário.

¹ Doutorando e Mestre em Mídia e Cotidiano pela Universidade Federal Fluminense (PPGMC-UFF). Graduado em Comunicação Social - Habilitação Jornalismo pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO-UFRJ). Membro do grupo de pesquisa MULTIS, Núcleo de Estudos e Experimentações do Audiovisual e Multimídia do PPGMC-UFF; e da pesquisa "Juventude e Suicídio: percursos midiáticos e suas interfaces com a educação", contemplado com Edital FAPERJ de apoio a grupos emergentes de pesquisa no estado do RJ - 2019. Email: diegocotta@id.uff.br

“Bicha estranha, louca, preta, da favela. Quando ela tá passando todos riem da cara dela”. Estes são os primeiros versos da música “Bixa Preta”, escrita e interpretada pela transexual negra Linn da Quebrada², cuja canção conta com mais de dois milhões de reproduções em aplicativos de *streaming* de músicas, como o *Spotify*. Já no YouTube, onde os usuários podem ter acesso gratuitamente ao canal da cantora, com cerca de 120 mil inscritos, a música já agrega mais de um milhão de visualizações. Atualmente, junto com a também transexual negra Jup do Bairro, Linn apresenta o programa “TransMissão” do Canal Brasil, um *talk show* criado em junho de 2019 e que conta com entrevistades como o vice-colocado nas eleições presidenciais de 2018, Fernando Haddad (PT), a deputada estadual e primeira mulher trans negra eleita para a Assembleia Legislativa de São Paulo Érica Malunginho (PSOL), a cineasta Anna Muylaert, a apresentadora de TV e *chef* de cozinha Paola Carosella, o ator Antonio Pitanga, a psicanalista Maria Rita Kehl, a cantora transexual Liniker, o jornalista Pedro Bial, dentre outros.

O programa “TransMissão”³, que se encontra em sua terceira temporada e conta com trinta episódios disponibilizados na plataforma de *streaming* da Globosat Play, se destaca no audiovisual brasileiro por se caracterizar como uma produção disruptiva, no sentido de ser apresentado por duas trans negras — fato inédito no Brasil. Entre curiosidades e irreverências, elas filosofam com entrevistades sobre corpos, normas, sentires, hormônios, identidades, música, cultura, racismo, LGBTIfobia etc. E, no momento da escrita deste artigo, Linn da Quebrada compunha o *casting* do *reality show* mais assistido do país, o “Big Brother Brasil”, transmitido não apenas no horário nobre

² Lançou seu primeiro álbum “Pajubá” em 2017 por meio de financiamento coletivo de fãs, depois de se tornar conhecida por causa de seu single “Bixa Preta”. Como atriz, integrou o elenco do filme “Corpo Elétrico”, de Marcelo Caetano (2017), selecionado para o Festival de Roterdã e premiado como melhor filme no Festival de Guadalajara; além de protagonizar o longa-metragem “Bixa Travesty”, de Claudia Priscilla e Kiko Goifman (2018), que, dentre outros prêmios, ganhou o *Teddy Award* de melhor documentário LGBT do Festival Internacional de Cinema de Berlim.

³ Assistir em <https://canaisglobo.globo.com/assistir/canal-brasil/transmissao/t/YOYSZXkYFK/> Acesso em 06 de janeiro de 2020.

da TV aberta como também ininterruptamente no canal de *streaming* da Rede Globo de Televisão, o GloboPlay.

A Netflix, outra gigante do mercado de *streaming* mundial, possui em seu catálogo de produções audiovisuais títulos como “Moonlight: sob a luz do luar”⁴, de Barry Jenkins (2016); “A Morte e a Vida de Marsha P. Johnson”⁵, de David France (2017), “RuPaul’s Drag Race”⁶, de Nick Murray (2009), “Pose”⁷, de Ryan Murphy, Brad Falchuk e Steven Canals (2018), “Sex Education”, de Laurie Nunn (2019), dentre outros. Filmes, documentários, séries e *reality show* que propagam outras narrativas sobre ser negro e LGBTI+ que não aquelas geralmente reiteradas pelo senso comum da mídia tradicional.

Como nos ensina Malena Contrera (2018), “na cultura, nada se apaga, nada se elimina, tudo se constrói cumulativamente, como num encaixe de bonequinhas russas” (p. 184). Daí, se desmembramos as camadas recentes das imagens, “veremos surgir em seus subterrâneos, pulsantes conteúdos e sentidos milenares” (CONTRERA, 2018, p. 184). Sendo assim, a circulação de conteúdos com a temática LGBTI+, especialmente aqueles relacionados à bicha preta, principal sujeito interlocutor deste trabalho, pode ser

⁴ A película se tornou o Melhor Filme do Oscar de 2017 ao contar a história de um menino negro da periferia de Miami (EUA), que é vítima de sucessivas violências relacionadas à homofobia e ao racismo. A vitória também pode significar uma reação da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood à campanha #OscarSoWhite, que fazia duras críticas à ausência de artistas negros no Oscar do ano anterior. Em 2017, vinte pessoas negras foram indicadas — um recorde para a Academia.

⁵ O documentário explicita o legado político deixado pela travesti negra Marsha P. Johnson, a estrela da TV americana e lendária figura do gueto gay de Nova Iorque, conhecida por muitos como a “Rosa Parks do mundo LGBT”. Ao lado de Sylvia Rivera, Marsha foi a responsável por fundar a *Transvestites Action Revolutionaries*, um grupo de ativistas trans dos EUA.

⁶ O *reality show*, apresentado pela *drag queen* negra RuPaul, é uma competição entre *drag queens* em busca de um prêmio em dinheiro. Ela ganhou um Emmy em 2016, na categoria “Melhor Apresentador de Programa de Reality ou de Reality de Competição”; e o programa, em 2018, foi premiado com o Emmy de “Melhor Programa de Reality de Competição; e como o “Melhor Reality Show” no 21º GLAAD Media Awards. No Brasil, já foi exibido pelos canais VH1 Brasil, Multishow, Comedy Central. Hoje, suas doze temporadas se encontram disponíveis na plataforma de *streaming* Netflix.

⁷ Série ambientada em Nova Iorque e que narra a cultura *ballroom* da década de 1980, na primeira temporada; e, na segunda, a história se passa na década de 1990. As personagens são trans e gays negres que rivalizam por troféus e reconhecimento dentro de uma cultura *outsider* e contam com uma rede de famílias eleitas, que compõem as “Casas”.

compreendida como possível fissura de um sistema que, secularmente, instrumentaliza os meios de comunicação a fim de manter a opinião pública alinhada à perpetuação da hegemonia supremacista no que refere às pautas identitárias.

Neste contexto contemporâneo de efervescência da cena afro-gay-digital, para esta proposta de artigo, focaremos na difusão de documentários de não ficção, baseados em testemunhos de vivências de bichas pretas e propagados via *streaming*, como estratégia de vocalização de sujeitos oprimidos pela cisheteronormatividade branca. A partir da exemplificação de conteúdos audiovisuais, estruturados em narrativas biográficas e difundidos por tais plataformas midiáticas, nosso objetivo é explicitar e debater a importância do audiovisual como meio potente de desconstrução de imaginários racistas e cisheteronormativos. Já que, como “bonequinhas russas”, fomos acostumados a naturalizar imagens de sujeitos brancos, cisgêneros e heterossexuais ocupando os protagonismos da mídia.

Queremos refletir mais sobre a proliferação de discursos insurretos, especialmente aqueles protagonizados por bichas pretas, oprimidas e muitas vezes apagadas por um sistema caracterizado por assimetrias imagéticas. Nossa hipótese é de que tais narrativas e imagens corporificam modos de operações de resistência, espécies de “levantes” digitais, que se valem do amplo alcance propiciado por plataformas de *streaming* para afetar corações e mentes e fissurar regimes de visibilidade excludentes, corroborando com a tese de que “levantes contemporâneos dificilmente são imagináveis sem a cibermilitância” (BUTLER, 2017, p. 27).

Os exemplos que funcionarão como objetos de análise são datados pelo ano de 2017. Nele, observamos a propagação de três documentários biográficos cujos protagonismos são de bichas pretas, a saber: “Além de Preto, Viado”⁸, de Lucas Porfírio; “Afronte”⁹, de Bruno Victor e Marcus Azevedo; e “Bicha Preta”¹⁰, de Thiago

⁸ Assistir em <https://www.youtube.com/watch?v=BDglGIUgF2g&t=7s> Acesso em 08 de janeiro de 2021.

⁹ Assistir em <https://bit.ly/3npiNTZ> Acesso em 08 de janeiro de 2021.

¹⁰ Assistir em <https://www.youtube.com/watch?v=D6RTSy2aS-4&t=6s> Acesso em 08 de janeiro de 2021.

Rocha. O recorte das obras se deve ao fato de terem sido lançadas no mesmo ano e de se valerem de testemunhos de gays negros, que podem ser compreendidos como fios condutores de uma narrativa que converge para uma similaridade de experiências de sujeitos que sofrem com a mesma opressão interseccional do racismo, homofobia e machismo, mas que guardam em suas trajetórias certas diferenciações. Outra característica que os aglutina é o fato de terem sido produzidos dentro do ambiente acadêmico por graduandos como trabalhos de conclusão de curso, orientados por professores universitários; além de serem difundidos em plataformas de *streaming* gratuitas, como o YouTube e o LGBTflix¹¹.

Cotidiano, biografias e afetos

*Os relatos não são mera realidade narrada
Erich Auerbach*

Judith Butler (2017) defende que os “levantes” são oriundos da ação coletiva, quando um grupo não tolera mais ser subjugado e encontra, a partir da troca entre seus pares, subsídios para se erguer e resistir ao aniquilamento. Para ela, “seres humanos fazem levantamentos em grande número quando se indignam ou estão fartos de se sujeitar, ou seja, o levante é uma consequência de uma sensação de que o limite foi ultrapassado” (p. 23). E as questões levantadas pelos documentários em questão nos fazem crer que a supremacia branca cisheterossexista reproduz um *status quo* que já não faz mais sentido e não será tolerada pelos oprimidos.

A tática de coleta dos testemunhos, uni-los em uma trama audiovisual e propagá-los por *streamings* parece emergir como uma resistência ao soterramento de corpos-bicha que, cotidianamente, têm suas vozes abafadas e imagens apagadas por uma hegemonia branca e cisheterossexista, que não suporta ser confrontada,

¹¹ Acesse <https://votelgbt.org/flix> Acesso em 08 de janeiro de 2021.

questionada e, sobretudo, desprestigiada das posições de destaque, reiteradamente ocupadas por ela nos produtos midiáticos que cimentam o imaginário social.

A propósito, antes de iniciarmos a reflexão sobre os filmes, faz-se necessário tecer algumas notas conceituais sobre o cotidiano, especialmente a importância dele como “cimento da vida social” (MAFFESOLI, 2007). Essa construção da realidade, intrinsecamente ligada à linguagem, ao discurso, à imagem, enfim, à cultura, guarda uma série de fatores, muitos deles vistos como sem importância e frívolos, mas que revelam o poder e a minuciosidade do controle da ideologia hegemônica, aqui recortada pelas narrativas cisheteronormativas brancas.

O pesquisador Wellington Pereira (2007), ao discutir a comunicação e a cultura no cotidiano, demonstra o quanto de sabedoria podemos absorver dos sujeitos que lutam para sobreviver no seu dia a dia. Para ele, “há de se considerar o caráter de ‘estocagem’ do conhecimento adquirido na luta pela sobrevivência” (PEREIRA, 2007, p. 67), muitas vezes esquecido ou deturpado por pesquisadores que não se atentam ao anódino. Pois, também é fora dos circuitos institucionalizados de saber que o conhecimento se constrói e a realidade de uma sociedade se vigora para cada indivíduo posto em relação.

A epistemologia da vida cotidiana se constrói no reconhecimento de saberes fora dos círculos institucionais, diretamente responsáveis pela conexão de formas sociais que dão impulsos às atitudes dos atores sociais. São os saberes que não se polarizam entre doxa (senso comum) e episteme (conhecimento sistematizado), mas buscam unir as contradições das novas formas de convivência social (PEREIRA, 2007, p. 68).

Queremos, justamente, lançar luz sobre esse viver banal; esse conhecimento produzido pouco valorizado, a fim de se entender os tempos e movimentos que se instauram no transcorrer da vida e que acabam por construir um presente e vislumbrar um futuro. Esse conjunto de situações, práticas, discursos, narrativas, falas, experiências, comportamentos, conflitos etc. vão dando a liga de uma socialidade, uma

espécie de “empatia comunalizada” (MAFFESOLI, 2007), diferentemente da sociedade, geralmente estudada sob a perspectiva de elementos racionais, intencionais ou econômicos. Importamo-nos com a profundidade das aparências e do comum, tidos como superficiais e descartáveis, por uma ciência elitista, pois acreditamos que

Existe, efetivamente, um “conhecimento” empírico cotidiano que não pode ser dispensado. Esse “saber-fazer”, “saber-dizer” e “saber-viver”, todos dotados de tão diversas e múltiplas implicações, constituem um dado cuja riqueza a fenomenologia tem, com inteira justiça, posto em destaque (MAFFESSOLI, 2007, p. 196).

Em busca de uma sociologia compreensiva, Michel Maffesoli tece um reconhecimento das miudezas do cotidiano como potencialidades sociais, capazes de produzir uma energia criadora do senso de comunidade, baseada em uma razão sensível. Para ele, “o conhecimento empírico supera em todos os sentidos a construção racional, às vezes chegando mesmo a dela escarnecer” (MAFFESSOLI, 2007, p. 209). Daí, sua importância nas discussões sobre a epistemologia do cotidiano, uma vez que seu olhar relativista imprime valor ao anódino e aos afetos, oferecendo-nos métodos analíticos mais abrangentes e próximos de fenômenos sociais contemporâneos, como a proliferação de conteúdos digitais protagonizados por bichas pretas, por exemplo. Já que nos instrumentaliza para uma análise sobre a tribalização construída a partir de experiências comuns na contemporaneidade. Vejam:

Para mim, é também uma pista de “razão sensível”; aquilo que se esboça na pós-modernidade. Toda a metáfora da tribo está aí. É um princípio de relação baseado nos diversos tipos de gosto: musical, esportivo etc. É da ordem dos afetos, e não mais racional. Insisto em destacar os aspectos afetual e emocional enquanto ambiência: dimensão climatológica (MAFFESSOLI, 2008, p. 8).

Sua rechaça à racionalização moderna, tão bem delimitada por teorias universitárias, aponta para uma metodologia que se dedica à experiência como importante aspecto para estudos fenomenológicos. Lição de uma perspectiva cuidadosa, analítica e respeitadora do saber que já está sendo posto em prática pelo homem comum, independentemente da vontade do intelectual/pesquisador que desenvolve estudo. Para o pós-modernista, “o conhecimento pela experiência, que o conceitualismo tem tanta dificuldade em admitir, mas que é não menos difícil recusar na ordem sociológica, encontrará no relativismo ou no pluralismo, suas condições de possibilidade teórica” (MAFFESOLI, 2007, p. 213-214).

É com entusiasmo que o sociólogo enxerga as pesquisas relacionadas aos fenômenos sociais tidos como desimportantes ou pouco atraentes para teorias modernas racionalizantes. No campo em que atua, essas teorias servem às “sociologias institucionais”; e conclama que “as ciências sociais não podem, efetivamente, fechar-se numa frigidez mortífera” (MAFFESOLI, 2007, p. 214). Além disso, podemos compreender a episteme maffesoliana sobre o cotidiano a partir de uma abordagem dionisíaca, na medida em que retornamos com uma relação mais carnal com o mundo social, pois “a separação típica da objetividade está em vias de dar (seu) lugar à intuição da experiência” (Ibidem, p. 216). Não por acaso suas ideias nos auxiliam a entender cientificamente o cotidiano conflitual, caótico e potente das vidas banalizadas de bichas pretas, pois

nada mais resta de prudente e moderado nos quadros que teorias avassaladoras haviam delineado; isto ocorre, por exemplo, na ordem das identidades sexuais, dos caracteres psicológicos, dos esquemas econômicos, das divisões e distribuições políticas, das funções produtivas ou das determinações sociais. É evidente que esta desordem existencial não poderia deixar de influenciar proposições e pesquisas científicas. A meu ver, tudo isto nos remete a essa experiência que constitui, não o esqueçamos, o próprio fundamento de toda diligência científica (MAFFESOLI, 2007, p. 215).

Na mesma direção, o feminismo negro tem contribuído substancialmente para a teorização das relações sociais e seus fenômenos, especialmente quando realocaliza os afetos e as experiências como possibilidades analíticas. Lélia Gonzalez (2020), por exemplo, em seus escritos, destacou a reiterada desvalorização dos discursos de mulheres negras quando se punham a falar de seus cotidianos distópicos, caracterizados pela interseccionalidade de opressões. Para ela, há de se esquivar da mera racionalização das experiências para que possamos compreender as camadas mais profundas que estruturam as sociedades.

O modo paternalista mais sutil é exatamente aquele que atribui o caráter de “discurso emocional” à verdade contundente da denúncia presente na fala do excluído. Para nós, é importante ressaltar que emoção, subjetividade e outras atribuições dadas ao nosso discurso não implicam uma renúncia a razão, mas, ao contrário, são um modo de torná-la mais concreta, mais humana e menos abstrata e/ou metafísica. Trata-se, no nosso caso, de uma outra razão. (GONZALEZ, 2020, p. 44).

Outro autor que nos auxilia na compreensão do cotidiano é Michel de Certeau (2004), que desenvolveu um estudo que ilumina as astúcias da vida ordinária, valorizando o conhecimento dos indivíduos que é posto em prática no dia a dia. O título de seu livro – “A Invenção do Cotidiano” – não poderia ser mais bem escolhido para o discorrer de suas ideias, que circunscrevem as táticas e estratégias dos sujeitos para “golpear” sistemas demasiadamente fixos de dominação.

Ainda que as relações sociais sejam marcadas por conflitos, muitos deles por conta da hierarquização de posições sociais, há de se pensar sobre os “modos de fazer” e o azeitamento criado de forma inventiva por aqueles que precisam sobreviver ao sistema com suas múltiplas opressões. Otimista, o historiador festeja uma certa “antidisciplina” inerente ao homem comum para seguir sua vida, a despeito das adversidades e de classes sociais abastardas que se empenham em assegurar seus privilégios, seja por meio dos poderes coercitivos, seja pelo poder simbólico dos discursos e regimes de

representação¹². Sua contribuição para a epistemologia do cotidiano é inquestionável, na medida que nos oferece conceitos facilmente aplicáveis nos estudos fenomenológicos da contemporaneidade.

A “cultura popular” se apresenta diferentemente, assim como toda uma literatura chamada “popular”: ela se formula essencialmente em “artes de fazer” isto ou aquilo, isto é, em consumos combinatórios e utilitários. Essas práticas colocam em jogo uma “ratio” popular, uma maneira de pensar investida numa maneira de agir, uma arte de combinar indissociável de uma arte de utilizar (CERTEAU, 2004, p. 42).

A vitória sobre o mais forte se dará a partir da astúcia pensada e formulada no momento da necessidade do mais fraco. Nossa analogia dialoga com o que Certeau descreve sobre as táticas da vida ordinária, dessas “artes de fazer” combinadas e oportunas. Por uma perspectiva consumista – e Certeau é cirúrgico quando exemplifica com a dona de casa no supermercado, onde fará uma combinação de preços, necessidade, vontade, gostos etc. para a compra de produtos –, ainda que consumidores estejam inseridos em um sistema de compra e venda, onde há fatores que fogem de seus controles para o estabelecimento de preços, eles podem conjugar uma série de itens que influenciam na decisão sobre determinado produto ou outro que irão consumir. Tais quais as donas de casas, bichas pretas parecem lançar mão dos recursos midiáticos de seu tempo e, astutamente, amplificam suas experiências e identidades, com didática e afeto para milhares de pessoas.

Mil maneiras de jogar/desfazer o jogo do outro, ou seja, o espaço instituído por outros, caracterizam a atividade, sutil, tenaz, resistente, de grupos que, por não ter um próprio, devem desembaraçar-se em uma rede de forças e de representações estabelecidas. Tem que “fazer com”. Nesses estratégias de combatentes existe uma arte dos golpes, dos lances, um prazer em alterar as

¹² Para Stuart Hall, “cada imagem tem seu próprio significado específico. No entanto, em um sentido mais amplo sobre como a “diferença” e a “alteridade” são representadas em uma determinada cultura, num momento qualquer, podemos ver práticas e figuras representacionais semelhantes sendo repetidas, com variações, de um texto ou local de representação para outro” (2016, p. 150). Essa lógica representacional é o que teórico chama de regime de representação.

regras de espaço opressor. Destreza tática e alegria de uma tecnicidade (CERTEAU, 2004, p. 79).

O *Instagram*, *Facebook*, *YouTube*, *TikTok*¹³, enfim, as redes sociais digitais e *streamings* podem ser encaradas como facas de dois gumes: ao mesmo tempo que podem endossar sistemas de opressões e perpetuarem representações equivocadas e excludentes, também podem ser vistos como trampolins de sujeitos historicamente marginalizados. Os compreendemos como ferramentas de vocalização de sujeitos subalternizados, pois dependendo da bricolagem dos conteúdos e, especialmente, da linguagem formulada por autores e autoras, as redes sociais digitais e *streamings* podem se constituir como aparelhos táticos para “golpear” imaginários cristalizados de opressão e violência. Além disso, operam de maneira rizomática e agregadora, pois podem arregimentar discursos, imagens e práticas de um segmento populacional marginalizado, que encontra brechas para reformular repertórios sobre si e propagar narrativas empoderadoras na rede.

“Você se entende como bicha preta na experiência do coletivo”, essa é uma das primeiras frases da entrevista de Vitor Hugo, 23, no curta-metragem “Afronte”. O entrevistado, ao longo do documentário biográfico, também destaca a importância do estar-junto como forma de autoconhecimento e fortalecimento diante das opressões cotidianas, citando, por exemplo, a relevância do coletivo Afrobixas¹⁴ (DF) nesse processo. O jovem segue dizendo que as bichas pretas precisavam se reunir para falarem de si: “É potente, incomoda; é disruptivo: um monte de homem preto em um lugar como o Museu Nacional. É montaria, ‘montação’. É gente de turbante, de batom

¹³ Também conhecido como Douyin na China, é um aplicativo de mídia para criar e compartilhar vídeos curtos. Foi lançado em setembro de 2016 e é de propriedade da companhia de tecnologia chinesa ByteDance.

¹⁴ O coletivo “Afrobixas” (DF) busca espaço de diálogo sobre sexualidade, negritude e suas interseccionalidades e fortalecimento em conjunto. Saiba mais em <https://www.facebook.com/afrobixas/> Acesso em 08 de janeiro de 2021.

colorido, explodindo negritude, empoderamento. Não só no ponto estético, mas também no ponto intelectual, político e afetivo”.



Imagem 1: Vitor Hugo fala sobre afetividades de bichas pretas em “Afronte”. Fonte: YouTube.

Em uma cultura cisheterossexista, edificada sobre os pilares do machismo e do patriarcado, espaços como o relatado por Vitor — e a própria ambiência midiática onde o relato é propagado — são por demais escassos. A norma que enquadra e violenta corpos que fogem da ideia de masculinidade hegemônica continua rígida e pouco suscetível à mudança.

No tocante às masculinidades, vários espaços seguem como reprodutores de um ideal simbólico de masculinidade hegemônica, que asfixia outras formas de ser homem que não aquelas socialmente concebidas. Falamos do homem branco, saudável, musculoso, provedor, assertivo e violento em suas relações para assegurar masculinidade, símbolo de um sucesso incontestável. No entanto, sabemos que quando se trata das humanidades, mesmo em uma relação de poder aparentemente rígida, encontramos conflitos que desembocam em micro resistências, que influenciam nas

fissuras de um sistema de subordinação e acabam por fomentar transformações sociais. Especialmente no tema que este artigo se debruça, percebemos que vivenciamos um processo de ruptura. Conflituoso, certamente, mas que já dá pistas de um abalo no sistema cisheteronormativo branco hegemônico, pois está sendo nominado, refletido e difundido na Internet.

Robert Connell e James Messerschmidt (2013) fizeram importante estudo sobre masculinidade hegemônica. Para eles, o conceito não reflete a um modelo de reprodução social e defendem a necessidade de reconhecimento das lutas sociais nas quais masculinidades subalternizadas influenciam formas dominantes de ser homem. Ainda que haja regras e limitações para referenciar e gerar pertencimentos a grupos de homens, “a masculinidade não é uma entidade fixa encarnada no corpo ou nos traços da personalidade dos indivíduos. As masculinidades são configurações de práticas que são realizadas na ação social e, dessa forma, podem se diferenciar de acordo com as relações de gênero em um cenário social particular” (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 250).

A performance masculina segue uma lógica que salienta expectativas aos homens em suas redes de relações de poder, evidenciando seus privilégios nas estruturas patriarcais e construindo uma hierarquia entre elas. A grande questão é que os espaços de convivência, como a escola, por exemplo, deveriam proporcionar um ambiente capaz de acolher as masculinidades não hegemônicas, e não estimular a cristalização de papéis de gênero tão demarcados, pois “as relações práticas de homens e meninos com as imagens coletivas ou os modelos de masculinidades, em vez de uma simples reflexão sobre elas, são centrais para a compreensão das consequências generificadas nos processos de violência, saúde e educação” (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 256).

Sendo assim, a fala de Vitor ilustra que uma outra masculinidade é possível e factível. Além disso, “Afronte” dá pistas de que a sobrevivência a um sistema calcado

na LGBTifobia e no racismo estrutural (ALMEIDA, 2018) pode ser encontrada na solidariedade de grupo; e que a cura segue os caminhos do amor mútuo. “A gente é preto ou a gente é bicha? A gente é os dois? Onde podemos ser os dois em paz? Às vezes é num colo de um *boy* ou de uma amiga preta. O afeto é transformador!”, diz.

O reestabelecimento da saúde mental das bichas pretas também pode ser compreendido sob à luz dos escritos da teórica feminista bell hooks (1993). “Quando nós, mulheres negras, experimentamos a força transformadora do amor em nossas vidas, assumimos atitudes capazes de alterar completamente as estruturas sociais existentes. Assim poderemos acumular forças para enfrentar o genocídio que mata diariamente tantos homens, mulheres e crianças negras” (s.p.). Ainda que a autora esteja se referindo à saúde de mulheres negras, por analogia, podemos aferir que o autoconhecimento e o autocuidado são processos afetivos que auxiliam na cura das feridas perpetradas por uma sociedade machista, lgbtifóbica, racista, cisgênera e patriarcal.

Tanto a luta pela libertação negra quanto a luta pela libertação gay são enfraquecidas quando essas divisões são promovidas e encorajadas. Tanto pessoas negras gays quanto heterossexuais devem trabalhar para enfrentar as políticas de dominação expressas pelo machismo e pelo racismo, que levam pessoas a pensarem que apoiar uma luta de libertação diminui o apoio a outra, ou que põe uma em oposição à outra. Como parte da educação para uma consciência crítica nas comunidades negras, deve-se enfatizar sempre que nossa luta contra o racismo e nossa luta para nos recuperarmos da opressão e da exploração estão intrinsecamente vinculadas a todas as lutas para enfrentar a dominação, incluindo a luta pela libertação gay. (hooks, 2019a, p. 255)

Ao também compreendermos a interseccionalidade como possibilidade teórica, enxergaremos nesses documentários biográficos certa potência empoderadora nas narrativas de bichas pretas, pois a ambiência midiática onde são difundidos pode ser entendida como espaço de cura diante das reiteradas tentativas de aniquilamento das subjetividades negras e gays, por exemplo. São espaços de partilha de experiências e troca de perspectivas que fortalecem a autoestima de homens negros gays, haja vista que

Tudo, no universo das formas audiovisuais, pode ser descrito em termos de fenômeno cultural, ou seja, como decorrência de um certo estágio de desenvolvimento das técnicas e dos meios de expressão, das pressões de natureza socioeconômica e também das demandas imaginárias, subjetivas, ou, se preferirem, estéticas de uma época ou lugar (MACHADO, 1993, p. 9).

Mídia, tribalismos e comunhões emocionais

*Não é tão comum morrer de amor, mas, neste momento,
em todas as partes do mundo, milhões morrem por falta dele*
James Baldwin

“Além de Preto, Viado”, com mais de 12 mil visualizações na plataforma de *streaming* YouTube, é um documentário biográfico de Lucas Porfírio e foi produzido como trabalho de conclusão do curso de Comunicação Social da Universidade Federal de São João Del Rey. Logo no início do curta-metragem, temos uma fala contundente de Vagner Silva, 22 anos, que diz “Ser negro pra mim é voltar o olhar para o processo histórico do Brasil, que muitas das vezes não tem na escola; e, se tem, é muito mascarado porque invisibiliza muitos homens e mulheres negros. É uma busca de referência e luta”.

O esforço ao qual Vagner se refere é consequência de uma ideologia supremacista que outorga às pessoas brancas o direito à História, pois dentre as mais variadas expressões do racismo está a anulação da pessoa negra como sujeito. O jovem também conta em seu depoimento que foi chamado de “macaco” na escola e que não houve por parte de seus representantes uma preocupação em relação ao xingamento, justamente pela naturalização da redução dos negros à falta de racionalidade. Animalizar pessoas negras é “uma das falas míticas mais significativas de uma visão que o reduz e cristaliza à uma instância biológica. Esta representação exclui a entrada do negro na cadeia dos significantes, único lugar de onde é possível compartilhar do mundo simbólico e passar da biologia à história” (SOUZA, 1983, p. 28).

A autoestima e afetividade também são negadas às bichas pretas. “Zulu” Cleyson, 24 anos, conta no documentário que quando decidiu deixar o cabelo crescer, as pessoas diziam que ele ia ficar com cara de “vagabundo” e “mendigo”. Além disso, o estudante, à época, do curso de Educação Física da Universidade Federal de Lavras, diz que quando começou a se relacionar com outros homens, “havia um desejo sexual e só. Eles queriam ficar comigo, mas não na frente de todo mundo. Homens retintos, como eu, precisam afirmar a sexualidade a todo o momento e tem que ter o órgão genital grande”. Esta flagrante hipersexualização do corpo negro governa o imaginário social, já que “a superpotência sexual é mais um dos estereótipos que atribui ao negro a supremacia do biológico e, como os da resistência física e ‘sensibilidade privilegiada’, reafirma a representação de animalidade no negro, em oposição à sua condição histórica, à sua humanidade” (SOUZA, 1983, p. 31).

A fala de “Zulu” demonstra o sentimento de rejeição a partir da elaboração de um imaginário do homem negro viril, reiteradamente desumanizado e desprovido de subjetividades, como desenvolveu em seus escritos o pensador Frantz Fanon (2008). A masculinidade negra, por anos a fio, foi construída a partir da representação do homem negro como símbolo fálico, consequência de um perverso processo de colonização e implementação do regime escravocrata em países pelo mundo, especialmente no Brasil. A animalidade e a selvageria, imputadas nas representações de homens negros, forjam um ideário hipersexualizador de seus corpos e aniquilador de suas mentes, que ainda persiste nas sociedades contemporâneas como uma das expressões do racismo.



Imagem 2: Vagner Silva fala sobre invisibilidade de negros no Brasil em “Além de Preto, Viado”. Fonte: YouTube. **Imagem 3:** “Zulu” Cleyson exemplifica casos de racismo a partir de suas vivências em “Além de Preto, Viado”. Fonte: YouTube.

Conseguir suspender esse cotidiano cruel e reelaborar os sentidos da vida não é tarefa fácil, caso não haja uma rede de apoio e/ou ajuda psicológica. Debruçar-se sobre a compreensão dos processos históricos e suas consequências para a vida cotidiana de pessoas negras não é algo comum e/ou estimulado por uma cultura que salvaguarda posições de privilégio. Por isso, falar sobre suas vivências e, por conseguinte, partilhá-las em redes sociais digitais e plataformas de *streaming* delineiam processos de subjetivação em direção à construção da negritude¹⁵ de bichas pretas, pois “o anseio de narrar uma história e o processo de contar são simbolicamente um gesto de desejo de recuperar o passado de modo que se experimente tanto uma sensação de reunião quanto de alívio”. (hooks, 2019a, p. 320).

As histórias sobre o racismo vivenciado por Luan Augusto, 21 anos, e Vicente Belmiro, 34, em “Além de Preto, Viado”, quando difundidas na *web* podem servir de exemplos para outras bichas pretas, reduzindo os impactos traumatizantes de seus pares

¹⁵ Para Kabengele Munanga, “continuando a ser recusado socialmente, o negro intelectual descobre que uma possível solução a essa situação residiria na retomada de si, na negação do embranquecimento, na aceitação de sua herança sociocultural que, de antemão, deixaria de ser considerada inferior. A esse retorno chamamos de negritude” (1986, p. 6).

quando vivenciarem situações similares. O primeiro relatou que sua mãe não se enxergava como negra e contava que uma vendedora de loja não a deixara experimentar uma blusa branca porque iria “sujar”; já o segundo compartilhou que um amigo branco “brincou” com ele, oferecendo-o uma vassoura de um bar para que ele limpasse o estabelecimento: “eu percebi que eu era o único negro lá”. São falas e situações de um racismo cotidiano, como bem conceitua Grada Kilomba (2019). Sutilezas discursivas que emanam a perversidade e sofisticação de uma inferiorização e anulação do Outro, criando cidadãos de segunda classe e, como vimos em exemplos anteriores, animalizando-os.



Imagem 4: Vicente Belmiro relata sua vivência em “Além de Preto, Viado”. Fonte: YouTube. **Imagem 5:** Luan Augusto fala sobre as sutilezas do racismo em “Além de Preto, Viado”. Fonte: YouTube.

Como outra expressão do racismo cotidiano, temos o achincalhe e a zombaria imediatamente identificado em umas das primeiras cenas de “Bicha Preta”, com mais de 70 mil visualizações no YouTube. Enquanto se ouve uma voz fazendo perguntas à Lara Dominique, percebemos que ela performa uma cena que leva o espectador a vê-la como um ser risível: “Cada faxina é um flash. Tu não pode perder a Tupi FM. (...) Venho aqui tomar um cerveja, ver uns bofinhos. Sou chique de doer. É bicha!”. Uma cena que nos leva a refletir sobre um passado não muito distante do audiovisual brasileiro que se valeu da zombaria como estratégia de ganho de audiência e, por conseguinte, de lucro.

Muniz Sodré e Raquel Paiva (2002), ao analisarem programas populares de TV aberta, evidenciaram a difusão do “grotesco chocante: o desdentado, o disforme, o humilhado, o ofendido e outros foram os tipos representativos do povo nos programas campeões de audiências” (p. 128). É oportuno o diálogo de suas perspectivas de outrora com o conceito de racismo recreativo (MOREIRA, 2019), um sistema de dominação social que reproduz privilégios e sedimenta a respeitabilidade exclusiva de pessoas brancas. O humor hostil é uma estratégia cotidiana que parte da população brasileira utiliza para expressar seu ódio e desprezo por gays negros.

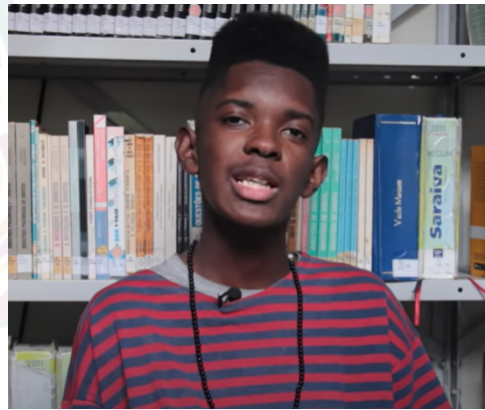


Imagem 6: Lara Dominique conversa com uma mulher que a grava em “Bicha Preta”. Fonte: YouTube. **Imagem 7:** Gabriel Sanpêra fala sobre *bullying* e poesia em “Bicha Preta”. Fonte: YouTube.

Gabriel Sanpêra, 19 anos à época, outro entrevistado do documentário “Bicha Preta”, compartilha histórias chocantes de sua vida, como abuso sexual na infância, *bullying* e violência. O jovem, de família evangélica, conta que teve o muro de sua casa pichado por conta da intolerância e expressa sua insatisfação em relação ao descrédito que a sociedade imputa em homens gays negros, ao partir do pressuposto que “não somos capazes, não seremos chefes e sim subordinados”. Essa fala vai ao encontro da reflexão de bell hooks (2019b) quando ela escreve sobre a literatura academicista:

O retrato da masculinidade negra que emerge dessas obras constrói os homens perpetuamente como “fracassados”, que são “fodidos” psicologicamente, perigosos, violentos, maníacos sexuais cuja insanidade é influenciada pela incapacidade de realizar seu destino masculino falocêntrico em um contexto racista (...) Nunca pressupõe a existência de homens negros cuja iniciativa criativa lhes permitiu subverter as normas e desenvolver formas de pensar sobre a masculinidade que desafiam o patriarcado (hooks, 2019b, p. 174).

Daí, podemos compreender os afetos mediatizados de bichas pretas na contemporaneidade como um desafio ao machismo vigente na sociedade brasileira. Demonstrar, propagar e refletir a partir das experiências vividas que outras masculinidades são saudáveis e possíveis pode constituir táticas de fissura de um sistema de representação excludente. Essa valorização da emoção e dos afetos em detrimento de uma racionalização hermética moderna pode ser compreendida como brecha de sobrevivência, narrativa empoderadora que fomenta a resistência de homens negros gays e os fazem acreditar que um outro futuro é possível.

Além disso, “transformar-se é passar de um estado a outro: continuamos firmes na nossa ideia de que a emoção não pode ser definida como um estado de pura e simples passividade. Inclusive, é por meio das emoções que podemos, eventualmente, transformar nosso mundo, desde que, é claro, elas mesmas se transformem em pensamentos e ações” (DIDI-HUBERMAN, 2016, p. 38). Documentários biográficos de bichas pretas, difundidos por plataformas de *streaming*, como os exemplos supracitados, podem ser entendidos como “levantes” digitais de contradiscursos em prol de um regime de visibilidade menos excludente e tático no que se refere à circulação de subjetividades apagadas pelo sistema branco cisheteronormativo.

Considerações Finais

Quando analisamos as histórias compartilhadas pelas bichas pretas nos documentários biográficos em questão, percebemos uma reiteração de histórias e situações de vulnerabilidade e violências. Os sujeitos, ao retornarem ao passado de suas vidas e compartilharem memórias similares de opressões, comungam vivências e sentires que desembocam num sentimento de pertença e dão uma unicidade à narrativa de resistência e empoderamento do grupo. Os discursos propalados pelos entrevistados tecem um pano de fundo que contextualiza e historiciza a narrativa, compondo as circunstâncias que atravessam os três filmes e comprovando a tese de que “a ideia de não isolar o indivíduo do contexto que o cerca, quase o apresentando como uma emanção de seu tempo histórico está presente em parte dos documentários biográficos” (TAVARES, 2013, p. 126). Um presente urgente, que tem a mídia como uma ferramenta de vocalização de opressões.

A repetição da discussão do cotidiano de gays negros no tempo e espaço, dos três filmes, e as problematizações advindas de temas polêmicos que cruzam racismo e homofobia, como relacionamentos interracialis, solidão, achincalhe, identidade, cabelo, “colorismo” etc; nos fazem crer que a ambiência midiática dos *streamings* pode ser entendida como uma arena de debate privilegiada de novos repertórios e ferramenta de produção de subjetividades desses sujeitos, contribuindo para uma possível mudança positiva do *status quo*.

Essa ambiência se torna, então, território confessional, espaço catártico de purgação das emoções (REZENDE RIBEIRO, 2018) e de possível cura coletiva de suas dores cotidianas, que emaranha interações e testemunhos de reconhecimento mútuo, produzindo, a partir dessas comunhões emocionais (MAFFESOLI, 2014), inúmeras teias de subjetividades coletivas, sentimento de pertença comunitária e novos repertórios. A difusão desses audiovisuais repletos de afetos possibilita tribalismos

digitais afrocentrados, cujas consequências ou pelo menos uma delas é o resgate da autoestima de jovens gays negros e a oferta de outras percepções e perspectivas de seus próprios corpos e mentes, fugindo, assim, do aniquilamento de suas subjetividades perpetrado por uma sociedade racista, machista, cisgênera e LGBTIfóbica. Elos estão sendo criados nesse cotidiano distópico e “é na tribo, lugar das verdadeiras afinidades eletivas, que se opera a verdadeira realização de si” (*idem*, p. 189).

Por último, faz-se necessário registrar que este artigo ensaístico dá pistas para uma profícua pesquisa acadêmica, especialmente no campo da Comunicação e Informação, sem falar do próprio Cinema. Compreender mais a fundo as técnicas implementadas para emaranhar tais testemunhos, a partir de metodologias mais eficazes para este objetivo, pode ser de grande contribuição para os estudos sobre masculinidades negras, com destaque para os protagonismos de bichas pretas nos produtos midiáticos.

Referências

- ALMEIDA, Silvio. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.
- BUTLER, Judith. Levant. In: DIDI-HUBERMAN, Georges (org) **Levantes**. São Paulo: Edições SESC São Paulo, 2017, p 23-36.
- CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis, Editora Vozes, 2004.
- CONNELL, Robert; MESSERSCHMIDT, James. **Masculinidade hegemônica: repensando o conceito**. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, 21(1): 424, janeiro-abril/2013.
- CONTRERA, Malena Segura. **Imaginação e Dimensão simbólica da imagem**. Revista Latinoamericana de Ciencias de La Comunicación, v. 15, n. 29, 2018, p. 180-191.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. **Que emoção! Que emoção?** São Paulo - Editora 34, 2016.
- FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.
- GONZALEZ, Lélia. Cultura, etnicidade e trabalho: Efeitos linguísticos e políticos da exploração da mulher. In: RIOS, Flávia; LIMA, Márcia (orgs). **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.
- HALL, Stuart. **Cultura e representação**. São Paulo: Ed. Apicuri, 2016.
- hooks, bell. **Living to Love, 1993**. In: Geledes, 2010, s/p. Disponível em <<https://www.geledes.org.br/vivendo-de-amor/>> Acesso em 08 de janeiro de 2020.
- hooks, bell. **Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra**. São Paulo: Elefante, 2019a.
- hooks, bell. **Olhares negros: raça e representação**. São Paulo: Elefante, 2019b.
- KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação – Episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- MACHADO, Arlindo. **O vídeo e sua linguagem**. Revista USP, n. 16, 1993, p. 6-17.

- MAFFESOLI, Michel. **O conhecimento comum: introdução à sociologia compreensiva**. Porto Alegre: Sulina, 2007.
- MAFFESOLI, Michel. **A terra fértil do cotidiano**. Revista FAMECOS. Porto Alegre, n. 36, 2008, p. 5-9.
- MAFFESOLI, Michel. **Homo eroticus: comunhões emocionais**. Rio de Janeiro: Forense, 2014.
- MOREIRA, Adilson. **Racismo recreativo**. São Paulo: Pólen Livros, 2019.
- MUNANGA, Kabengele. **Negritude: usos e sentidos**. São Paulo: Ática, 1986.
- PEREIRA, Wellington. **A comunicação e a cultura no cotidiano**. Revista FAMECOS. Porto Alegre, n. 32, 2007, p. 66-70.
- REZENDE RIBEIRO, Renata. **Réseaux d'affects et d'intolérance: l'imaginaire politique et la catharsis dans le quotidien médiatisé**. Sociétés (Paris), v. 142, 2018, p. 47-56.
- SODRÉ, Muniz; PAIVA, Raquel. **O império do grotesco**. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.
- SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.
- TAVARES, Denise. **Subjetividades transbordantes: apontamentos sobre o documentário biográfico, memória e história**. Doc On-line, n. 15, 2013, p. 111-142.

Afrocentric digital tribalisms:

Streamings, documentaries and leading roles of black fags

Abstract: This article seeks to explain the media environment as a possible healing space for black fags, who create repertoires and produce other meanings about themselves. It aims to debate the mediatized daily life of black fags as a dispute for protagonism and mitigation of a racist and homophobic imaginary. Essay, the work reflects on three biographical documentaries (“Além de Preto, Viado”, “Afronte” and “Bicha Preta”), available in streaming. The hypothesis is that such narratives and images embody modes of resistance operations; digital uprisings, which use rapid media diffusion to affect hearts and minds and crack excluding regimes of visibility.

Keywords: Media; Racism; Homophobia; Every Day Life; Documentary.

Recebido: 30/03/2022

Aceito: 10/05/2022